

## **RETRATO DE OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA: DO ROMANCE PARA OUTROS GÊNEROS TEXTUAIS**

Elisabeth Silva de Almeida Amorim (UNEB)

mrs.bamorim@yahoo.com.br

**RESUMO:** Quando falamos em ensino-aprendizagem na Educação Básica, inevitavelmente os relatos de experiências docentes perpassam por diferentes linguagens em contextos pontuais. Sem dúvida o texto na sala de aula ao dialogar com outros gêneros textuais incentiva a formação do leitor e desperta a criatividade do estudante, estimulando-o ir além do escrito. Este artigo propõe apresentar um diálogo entre o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902) e outras artes presentes em manuais didáticos de Língua Portuguesa, volume 3, Ensino Médio, a fim de promover a formação e transformação de leitores (as) da Educação Básica. De posse da teoria da intersemiose (Barthes, 2001), numa abordagem qualitativa, primamos pela prática metodológica da desconstrução (Derrida, 2014; Souza, 2004), para que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem sejam contemplados de forma prazerosa. Através de oficinas de leitura e desleitura do romance em discussão com estudantes do 3º. Ano de Ensino Médio, escola pública, percebemos a importância de levar para sala de aula diversos gêneros textuais com a mesma temática, e a partir daí, fomentar a discussão, neste caso específico, optamos pela terceira parte da obra euclidiana: *A luta*, referente à Guerra de Canudos ocorrida na Bahia entre os anos 1896-1897, tendo como líder o cearense Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), mais conhecido como Antônio Conselheiro. Esperamos contribuir com a ressignificação de leitores, a partir dos gêneros textuais alusivos ao romance no livro didático. Outro resultado esperado é que este texto abra mais um leque para as imagens da guerra, atentando-se para os discursos de ódio direcionados ao líder e seguidores para além dos textos verbais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Os Sertões. Livro didático. Ensino Médio. Gêneros textuais.

### **1 INTRODUÇÃO**

O ensino da língua portuguesa na Educação Básica, especificamente no Ensino Médio por muito tempo foi ancorado nas questões gramaticais, com isso os textos serviam para pretextos para reforçar a sintaxe ou a morfologia, limitando a compreensão textual. Proporcionar um estudo da língua mediado pelos gêneros textuais abriu um leque ampliando as discussões para além da gramática, e quando falamos da Literatura Brasileira através do romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902) notamos o quão importante é associar o romance a outros gêneros textuais para ampliação e fluência do conteúdo.

Um dos pontos de discussão da pesquisa de cunho qualitativa refere-se sobre a abordagem dos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, ao enredo da obra euclidiana associado a outros gêneros textuais, já que a temática sobre a Guerra de Canudos, evento ocorrido na Bahia entre 1896 e 1897 é escorregadia e cheia de controversas, afinal, Euclides da Cunha modificou a versão oficial da Guerra. Se inicialmente os sertanejos da cidade de Belo Monte / Canudos eram apontados como rebeldes, monarquistas, conselheiristas entre outros adjetivos pejorativos por resistirem à desocupação das suas casas, com o passar dos anos e aprofundamento das pesquisas, a visão estereotipada acerca dos canudenses se modificaram. Mudança que precisa chegar aos estudantes, principalmente aos cursistas do último ano da Educação Básica através dos manuais didáticos.

O objetivo deste texto é apresentar um diálogo entre o romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha e outros gêneros textuais presentes nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, como instrumento pedagógico utilizado para fortalecer a formação de leitores e leitoras na educação básica. A literatura associada a outras artes tem contribuído de forma ímpar com o ensino e estudo da literatura, uma proposta Inter semiótica de Roland Barthes em defesa da consolidação da literatura, uma vez que ela não fixa saberes, nem fetichiza nenhum deles.

O retrato que tem se pintado do livro *Os sertões*, de *Euclides da Cunha* nos manuais didáticos contribuiu para o andamento da pesquisa de doutorado em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II, em Alagoinhas. Uma literatura centenária, apesar de 120 anos de publicação, continua despertando interesse em diferentes áreas, não apenas para conhecer a nossa história a partir de um texto literário ou visitar as nuances de uma guerra, no entanto o nosso interesse é investigar a junção literatura e outros signos, partindo-se da proposição de se trabalhar a literatura associada aos gêneros textuais em prol do fortalecimento da formação e transformação do leitor e da leitora. Assim, estruturamos o artigo em três seções, nas quais discutiremos a literatura pelo viés da intersemiose, é a nossa discussão inicial, seguida trilharemos os caminhos e as encruzilhadas no ensino da literatura com foco nos passos metodológicos percorridos, e fecha-se provisoriamente, pois se trata de uma pesquisa em andamento, com a análise parcial de dados.

Não faz mais sentido ensinar a literatura presente nos manuais de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira como se fosse algo estanque, intocável porque o “autor disse isso” ou “o autor quis dizer aquilo”. A nossa língua é dinâmica, o ensino da literatura precisa de desmontagem, desconstrução linguístico-literária para continuar forte, inovador e atrativo. Os fragmentos do romance os sertões que aparecem nos livros didáticos não precisam ser sustentados nem mediados por questões gramaticais, mas por diferentes gêneros textuais para que o texto literário se abra para novos olhares de diferentes autores. Assim, o abraço da literatura euclidiana com outros gêneros textuais, fortalece a formação e transformação do leitor e da leitora, justificando-se a proposta.

## **2 DISCUTINDO A LITERATURA PELO VIÉS DA INTERSEMIOSE**

literatura faz girar os saberes, não fixa, nem fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. (BARTHES, 2001, p. 17)

Ao pensarmos na intersemiose faz-se necessário trazer para o bojo da discussão as contribuições do francês Roland Barthes (1915-1980), sociólogo, crítico literário, filósofo e escritor defensor das forças de poder da literatura: *mathesis, mimesis e semiosis*, sendo a última, a força de liberdade capaz de proporcionar a multiplicidade de sentidos. Através da literatura agregada a outros signos é possível dialogar com diferentes manifestações artísticas e culturais, conseqüentemente em diferentes gêneros textuais.

Barthes (2001) defende a junção da Literatura e Semiologia para que uma possa corrigir a outra. Semiologia é defendida como a ciência dos signos, surgiu na década de 50, e Barthes viu nessa união a capacidade da literatura “falsear” a linguagem e escapar das convenções linguísticas para que outras significações possam ser exploradas. Roland Barthes sofreu influência da linguística de Saussure, apesar de algumas discordâncias, para ele a língua e o discurso eram como objeto único, em suas palavras: “Hoje, creio realmente que, sob a pertinência que aqui se escolheu, língua e discurso são indivisos, pois eles deslizam sobre o mesmo eixo de poder.” (BARTHES, 2001, p.29) No entanto, apropria-se da dicotomia saussuriana acerca da fala/língua e impulsiona a semiologia a dar os primeiros passos a partir dessa oposição.

Investigando como os manuais didáticos de língua portuguesa apresentam e propõem discussões acerca do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha nos fez render alguns textos, conforme os resultados encontrados. Os estudantes têm acesso ao contexto de produção da obra, dados biográficos do autor e alguns fragmentos do livro em discussão. Os textos geralmente exploram o final do livro euclidiano evidenciando “Canudos não se rendeu” a resistência dos moradores de Canudos ao enfrentarem tropas militares fortemente armadas. E o olhar é direcionado no “como” esses textos ancorados na literatura euclidiana são explorados, porque são de suma importância os diálogos da literatura com outros gêneros textuais. Para combater o engessamento ao livro didático, as oficinas literárias com estudantes de ensino médio servem para leituras e desleituras de *Os sertões*, desse modo Guerra de Canudos torna-se mais que um conteúdo pedagógico, mas um viés para ajudar na formação do leitor ou da leitora.

Apesar de tantos outros textos e produções artísticas em geral retomarem a questão de Canudos, por muitos anos o livro de Euclides da Cunha liderou absoluto o tema, obra que imortalizou o autor ao tornar-se uma matriz referencial para compreensão da tragédia ocorrida em Canudos no final do século XIX. Talvez, por isso, 120 anos depois, continua sendo motivo de investigação, análise, estudo, leitura com diferentes propósitos. E pensar o diálogo com outras artes nos manuais didáticos, faz-se necessário pensar nas narrativas que vieram depois sob a égide euclidiana.

Até os anos cinquenta do século XX, o texto de Euclides da Cunha foi considerado a narrativa autorizada como verdade inabalável sobre o fato histórico e responsável pela manutenção do interesse pelo tema. Para alguns intelectuais, *Os Sertões*, pela sua maquinaria de linguagem, que procura conjugar as ambições histórica e estética (pretendia ser relato fiel da história, e, ao mesmo tempo, se oferecia como monumento artístico-literário), teria imortalizado a luta sertaneja, possibilitando a perenização de sua memória. Outros, porém, defendem Canudos como tema magistral em si próprio, sustentando que o relevo e a magnitude temática teriam emprestado fama a Euclides. (ROCHA, 2006, p. 189)

Rocha (2006) evidencia a importância do livro *Os sertões* para se entender e ou para se questionar a história. O livro é dividido em três partes: A Terra, O Homem e A Luta, de certa forma o enredo traz à tona os escombros de uma guerra, sem dúvida transita pelas questões sociais, religiosas, políticas sem perder a

ficcionalidade. O autor Euclides da Cunha chegou à Bahia no final do conflito, na condição de jornalista com intuito de cobrir a guerra, e dessa investigação minuciosa com moradores das proximidades e parentes das vítimas do massacre, cinco anos após o conflito o livro foi publicado. E a ficção e a realidade andam lado a lado na produção euclidiana, o livro cresceu bastante, fazendo com que o autor ganhasse notoriedade dentro e fora do Brasil. A ponto de se questionar se foi Canudos que elevou o autor ou vice-versa.

Entre os diferentes diálogos que a literatura euclidiana proporcionou nos manuais didáticos, destacamos o filme *A Guerra de Canudos*, de Sérgio Rezende (1996), a pintura *O reformista* do artista plástico cearense Descartes Gadelha (1945), bem como os diálogos entre o romance e as caricaturas, de Pereira Neto (1897). Através dessa junção da Literatura com a Semiótica, seja através do cinema, pintura ou outras artes, vimos como a diversidade de gêneros textuais ajudam na compreensão e interpretação dos textos. Entre esses gêneros textuais muitos “retratos” são pintados através de artigos de opinião, cordéis e entrevistas presentes nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, cuja proposta curricular consta o Pré-modernismo no Brasil, assim, Euclides da Cunha é citado em destaque ao lado de Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos.

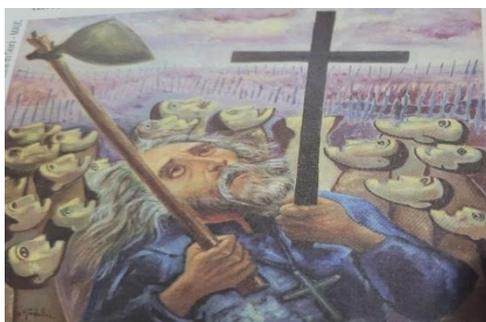
A exploração do filme *Guerra de Canudos*, dirigido por Rezende (1996) traz o ator José Wilker representando Antônio Vicente Mendes Maciel, o líder religioso de Canudos mais conhecido como Antônio Conselheiro. Personagem faz uso de túnica azul, barbas e cabelos longos, cajado em uma das mãos, um retrato que se perpetuou ao referir-se a Canudos. A representação de Antônio Conselheiro nos manuais é uma figura caricaturada, na qual elementos que remetem a religiosidade dos moradores de Canudos se fazem presentes, sendo a bíblia, o crucifixo no pescoço, a cruz e a igreja são elementos constantes nas reproduções caricaturais do grande Antônio Conselheiro.

Sem dúvida, o líder religioso de Canudos após cada derrota militar tornou-se o alvo de escárnio, assim, os discursos de ódio propagados contra Antônio Conselheiro e seus seguidores refletem nas imagens dos manuais didáticos. Conseqüentemente, tais imagens estereotipadas aparecem nas oficinas de leituras nas produções estudantis. Principalmente, quando temos nos manuais pensamentos divergentes sobre o fato, um diálogo entre a obra de Euclides da Cunha e o artigo de opinião de Olavo Bilac nos revela:

Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem. (BILAC, Olavo, 1996, apud ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. V. 3, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013. p 17).

É importante a presença de outros gêneros textuais para discussão e enriquecimento do texto literário, com isso os retratos que são pintados acerca de Antônio Conselheiro, conselheiristas, Canudos entre outros vão sendo traçados conforme os diferentes argumentos ideológicos de cada um. No texto acima de Bilac, por exemplo, revela um nível muito alto de agressividade contra a população de Canudos/ Belo Monte, e comemora o fim do massacre, através: “Enfim, arrasada a cidadela maldita”.

Por outro lado, em Cicatrizes submersas, de Descartes Gadelha, coleção em homenagem a história de Canudos, a representação de Antônio Conselheiro traz o estereótipo peculiar dos manuais didáticos. Senhor de barbas longas no centro da tela, enxada e cruz em suas mãos com olhar para o alto, enquanto as demais pessoas à sua volta estão com rostos virados para cima, como se fossem bonecos manipuláveis. As tintas e os pincéis utilizados nas produções não refletem as inúmeras leituras feitas por estudantes ao apropriarem-se dos livros didáticos. Em outro manual didático, dessa vez da Editora FTD, no volume 3, Esferas das linguagens, p. 88 “O reformista”, de Gadelha retrata “mortos-vivos” com os rostos cadavéricos olhando para cima, conforme a figura 1.



(figura 1)

Apesar da pintura de Gadelha aparecer em manuais didáticos, não houve nenhuma exploração da imagem. Vale ressaltar que a coleção “Cicatrizes submersas” desse artista plástico retrata Canudos para além da guerra do final do século XIX, já que após a visita do então presidente da República Getúlio Vargas, em 1940, logo se pensou na construção de uma barragem visando favorecer a

população, objetivo questionado por muitos estudiosos, já que Canudos ficou submerso, após a finalização do projeto do governo. Ao represar as águas do rio Vaza-barris a nova Canudos ressurgida das cinzas e pó desaparece do mapa em 1968. Se no conflito da Guerra os moradores tiveram que lidar com o fogo, a construção do açude de Cocorobó, o problema ficou por conta das águas, obrigando-os a novos despejos. Euclides fez a descrição do povo sertanejo:

O Sertanejo é antes de tudo um forte, [...].

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário.

Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. **Hércules-Quasímodo**, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. (CUNHA, 1995, p. 129-130 apud TORRALVO; MINCHILLO, 2010, p. 19, grifo do autor)<sup>1</sup>

Para Euclides o sertanejo se mostra de duas formas, no primeiro olhar os traços são enganosos, através da aparência desgraciosa, desengonçada e torta. No entanto esses traços se perdem diante do grande combate, e em seu lugar surge um “Hércules-Quasímodo”, um oximoro para descrever o sertanejo, onde a força e beleza se misturam com a falta de elegância e a aparente feiura. Cada canudense agigantou-se na luta pelos direitos negados, entre eles: direito à moradia, direito de ir e vir, direito à vida. Assim com armas improvisadas enfrentou por quatro vezes os soldados fortemente armados, uma batalha sangrenta, desleal, findou em 05 de outubro de 1897 com uso de canhões, conforme os conselheiristas: “matadeira”.

O evangelizador surgiu monstruoso, mas autômato.

Aquele dominador foi títere. Agiu passivo como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

E cresceu tanto que se projetou na História. (CUNHA, 1982, p. 122-123, apud SETTE; TRAVALHA; BARROS, 2013, 41)<sup>2</sup>

Sem dúvida, o livro didático é instrumento pedagógico imprescindível, geralmente, o mais acessível ao estudante. Através do qual as opiniões podem ser formadas ou formatadas conforme as ideologias de autores ou editoras. A importância de levar diferentes gêneros textuais para sala de aula de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira faz com que os discentes se apropriem de versões

<sup>1</sup> TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *Linguagens em movimento*, vol. 3, São Paulo: FTD, 2010.

<sup>2</sup> SETTE, Maria das Graças Leão; TRAVALHA, Maria Antônia; BARROS, Maria do Rozário Starling. *Linguagem em conexão*. Volume 3. São Paulo: Leya, 2013.

diferentes, às vezes contraditórias sobre determinado fato, apresentado através da literatura. E assim, a ideia de um evangelizador fanático, monstruoso, dominador vai sendo desconstruída (ou difundida) em diferentes linguagens nas oficinas de leituras e escritas literárias. O poeta sertanejo Amorim (2018, p. 69) apresenta o Conselheiro amigo dos pobres, batalhador na luta pela igualdade de direitos.

Peregrino Antônio  
De conselhos e prédicas  
Por caminhos áridos  
Num sertão triste  
De homens humilhados.

No chicote da fome  
A ferida se abre  
No conselho do beato  
O bálsamo da vida  
Que liberta os sonhos  
De igualdade contida.

Do sofrimento a lição  
Canudos acolhia a todos  
Sem distinção de cor  
Índios, negros e brancos.  
Da regra que o peregrino  
Fraternalmente ensinou.

Peregrino Antônio  
Profeta e amigo fiel  
Conselheiro dos pobres  
Antônio Vicente Mendes Maciel.

*O sertão, de Euclides da Cunha provoca* inúmeros diálogos com outras manifestações artística-culturais como o cinema, artes plásticas e a própria literatura através dos poemas, cordéis, romance entre outras. Será que não estaria esgotado um tema explorado há mais de 100 anos? O professor da UEFS e escritor Aleilton Fonseca através do romance *O pêndulo de Euclides* inicia fazendo esse mesmo questionamento, e, através do personagem Seu Osébio muitas respostas são desveladas enquanto novos questionamentos surgem, todavia são das inquietações que a aprendizagem floresce. Então seguimos nos caminhos ou encruzilhadas que a docência nos apresenta.

### 3 CAMINHOS E ENCRUZILHADAS NO ENSINO DA LITERATURA

A influência de *Os sertões* em toda arte brasileira do século XX é um debate inesgotável que ainda não chegou a conclusões definidas, fundamentais, nos parece, para uma sólida teorização, com bases nacionais sobre arte e sociedade.

(SOUZA, 2001, p. 36)

A pesquisadora Lícia Soares de Souza ao discutir “Memória e identidade na formação da opinião pública nacional em *Os sertões*” traz abordagens interessantes sobre a potência do livro de Euclides da Cunha, tomando como ponto de partida a estrutura comunicacional. A comunicação em destaque em *Os sertões* coloca em xeque a opinião formada, a partir da imprensa, sobre a Guerra de Canudos, por outro lado sistematiza uma formação de opinião pública do Brasil. Isso porque a influência da obra euclidiana perpassa por vários campos científicos, sendo para nós o viés literário o alvo.

Ao pensarmos nos caminhos do ensino da literatura em turmas do último ano do Ensino Médio, escola pública, eis as encruzilhadas. Entenderam-se caminho como a direção a ser seguida, um lugar que se pretende chegar ou uma via de comunicação, a primeira pedra do caminho que nos faz buscar outras linhas de fugas é: O que pretendemos ensinar aos estudantes com o livro *Os sertões*? E quais os recursos pedagógicos disponíveis para se chegar ao fim do caminho? Já que os manuais didáticos encerram a discussão na destruição total de Canudos, conforme a obra de Euclides, desconsiderando a população que se formou no pós-guerra, bem como a reconstrução e tentativas de apagamentos de outras “Canudos” erguidas das cinzas ou das águas.

Mesmo sabendo dos projetos de silenciamentos da tragédia ocorrida em Belo Monte/Canudos no final do século XIX, desde o bombardeio à enchente programada pela construção da Barragem de Cocorobó, é preciso que fique claro para o estudante que tem acesso aos fragmentos do romance de Euclides o porquê de uma população pobre, desassistida pelo governo chamou tanto a atenção de jornalistas do país e do mundo. A brilhante apresentação de Osmar Moreira intitulada “Belo Monte, capital popular da República do Brasil” defende “*Os sertões* como profanações da lógica cultural do Ocidente”, com isso a importância de visitar Canudos para reinventar o país torna-se imprescindível para ampliação de conteúdos nos manuais didáticos.

Nesse sentido, e como um operador teórico-metodológico, a noção “belo monte” significa: um nome dado a uma experiência socialista, comunitária, concreta, no Brasil, de 1893 a 1897, que foi dizimada, pelo Estado brasileiro, então ocupado pelos latifundiários, ex-escravocratas, e seu Partido Armado, mas “belo monte” é, também, uma espécie de grau zero, um ponto de partida simbólico entranhado/ entranhável em séries discursivas de repercussão regional, nacional e internacional... (SANTOS, 2022, p. 7)

Os *sertões* traz em si a potência geradora de formar um batalhão de leitores de Euclides, para Santos (2022) o local da guerra por quatro anos funcionou como uma comuna ao experienciar o socialismo no Brasil, por outro lado é o marco zero para simbolicamente partir para embrenhar nas séries discursivas que pipocam do lugar através de diferentes manifestações artístico-culturais que ganham o Brasil e o mundo. E mais uma vez nos esbarramos em novas pedras no caminho do ensino da literatura, estimulando-nos a buscar as linhas de fugas. Unir-se a literatura euclidiana a outras artes exige criatividade do professor, pois a falta de exemplares nas bibliotecas escolares, computador e internet insuficiente para uso regular das salas de informática, mobilizaram-nos a sair da nossa zona de conforto para desconfortar o próximo nas oficinas de leitura e produção utilizando gêneros textuais alusivos à obra euclidiana, através das representações: sertanejo, caatinga, Euclides da Cunha, Antônio Conselheiro, Canudos, exército brasileiro entre outros elementos vivos nos manuais didáticos, porém carentes de ações exploratórias, como a figura 2, por exemplo:



(figura 2)

Formar leitores é uma tarefa árdua, quando pensamos no ensino da literatura é imprescindível associá-la a outros signos, conseqüentemente, outras artes. A figura 2 retirada do livro de Português, de Campos e Assumpção<sup>3</sup> é usada como elemento de ilustração de fragmentos do livro *Os sertões*. A caricatura de Antônio Vicente Mendes Maciel, popularmente conhecido como Antônio Conselheiro é de

<sup>3</sup> CAMPOS, Maria Ines Batista. ASSUMPCÃO, Nívia. Português: Esferas das linguagens, v. 3. São Paulo: FTD, 2016. p.78

autoria de Pereira Neto, segundo o manual didático, encontra-se disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, produção de 1897 especialmente para a Revista Ilustrada. Na referida imagem explora os supostos problemas de Antônio Conselheiro com o governo republicando, numa espécie de justificativa para os canhões apontados e o ódio propagado em torno do líder de Canudos e seus seguidores.

Diante dos percalços dos caminhos para driblar o engessamento e não se deixar aprisionar aos manuais didáticos, buscar as encruzilhadas também se torna caminho de aprendizagem, de ensinamento e de transformação. Porque o ensino da literatura não precisa necessariamente de um caminho, mas de vários caminhos que se cruzam, encontram, desencontram, para mais adiante, nos atalhos linguísticos se permitirem novos olhares, novas desmontagens, novas desconstruções. Porque como defende Derrida (2014), a essência da literatura é não ter essência alguma, uma desconstrução gera prazer, gozo, com isso nos fez enxergar *Os sertões* para além do romance histórico, documental de Euclides da Cunha, mas transitando nos poemas, cordéis, charges, caricaturas entre outras artes frutos das desmontagens literárias.

#### **4 GARIMPANDO ACHADOS NOS PASSOS DA CRÍTICA CULTURAL**

Assim, o sertão é sempre luz e revolução; nunca problema, sempre a solução.

Osmar Moreira dos Santos, 2022.

Santos (2022) sintetiza muito bem o que é falar, estudar, pesquisar ou escrever algo relacionado ao sertão, ele preconiza uma potência que emana narrativas, causos, depoimentos dos seus moradores, Uma revolução que não se apaga com o tempo, todavia se fortalece, se modifica, transformando a si e ao outro. Foi justamente isso que aconteceu com o jornalista, engenheiro militar Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nosso querido escritor de *Os sertões*, Euclides da Cunha. Ao chegar à Bahia correspondente do jornal Estado de São Paulo após fazer uma série de reportagens sobre o evento que estava acontecendo com os sertanejos, Euclides estava impregnado de teorias deterministas e contaminado pelas invencionices dos jornais dos grandes centros como Rio, São Paulo e Bahia,

porém, depara-se com a luz sertaneja e a reviravolta acontece, o que ele defendia como problema monstruoso, percebe-se estratégia de sobrevivência, resistência, força e coragem de um líder que só queria um local para viver em paz reconstruindo igrejas e cemitérios.

A mudança de olhar de Euclides para os fatos denota uma sensibilidade peculiar ao se desprender das capas adquiridas ao longo da profissão, inclusive na Escola Militar de Praia Vermelha, no entanto, não apaga os registros, até controversos, em seu diário de bordo acerca de Antônio Conselheiro e seus seguidores. O beato fanático com ideais monstruosos, preso ao “obscurantismo das três raças”, ganha contornos diferentes a partir do momento que Euclides se desprende do entusiasmo republicano, como testemunha ocular de assédio e aniquilamento de prisioneiros dominados no combate. Autor de “A nossa Vendaia”, artigos que metaforiza o evento de Canudos ao movimento monarquista e revolucionário ocorrido na França (1793-1795), contra o regime republicano francês, cujo desfecho foi massacre e aniquilamento total dos camponeses e artesãos na Vendaia, causando uma mancha irreparável e inexplicável na história da Revolução Francesa.

Tais mudanças ocorridas nos registros de Euclides não são citadas nos manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura que abordam a literatura euclidiana, principalmente as dúvidas incipientes surgidas ao chegar ao local, palco da maior tragédia brasileira orquestrada pelos governos (estadual e federal) contra uma população pobre. Para Galvão (2022), a teoria de conspiração contra república dos fanáticos e o Peregrino passa por uma reviravolta de opiniões públicas, após não detectar anomalia no cérebro exumado do líder Antônio Conselheiro.

O cadáver de Antônio Conselheiro, que morrera de doença no dia 22 de setembro, pouco antes do final, foi exumado. Sua cabeça foi cortada e levada para a Faculdade de Medicina na Bahia para ser autopsiado, com a intenção de descobrir-se a origem de seus descaminhos, o que, segundo, rezavam as teorias lombrosianas então em vigor, podia ser inferido a partir das dimensões do crânio e da dissecação do cérebro. Entretanto, o laudo oficial furtou-se a apresentar alguma conclusão definitiva, adensando o mistério, para desapontamento de quantos queriam responsabilizar algo palpável, como a anatomia do líder.

(GALVÃO, 2022, p. 23)

“Canudos não se rendeu”. Frase que se repete em muitos textos poéticos inspirados na obra euclidiana ao denunciar o crime cometido contra a população de Canudos em nome da civilização e da nação, no entanto, não adiantaram as cartas falsas, os documentos forjados publicados em jornais para transformar o evento da guerra em insurreição monarquista ou levante no Brasil. Antônio Conselheiro, o Peregrino, jamais cogitou o trono de rei. Há mais de 30 anos peregrinando nos sertões, tornou-se o alvo do ódio das igrejas católicas que perdiam fiéis para acompanhá-lo e dos latifundiários sem empregados para sustentá-los através de mão-de-obra barata. De fato, o Conselheiro tornou-se “cabra marcado para morrer”, todavia não contavam com a ineficácia da lavagem cerebral feita pelas forças armadas e jornais tendenciosos da época, desse modo Euclides se desiluiu ao conhecer a situação tão criticada por ele, de igual modo, outros jornalistas revelaram o tratamento dado aos prisioneiros indefesos de guerra, na sua maioria mulheres, crianças e idosos famintos, sedentos e desnutridos: degola pública.

Para Zilly (2022), tradutor da obra de Euclides para o alemão, Euclides além de patriota era cosmopolita, defensor da abordagem teórica do Esclarecimento, provavelmente, fruto dos estudos positivistas, no entanto, isso não o fez paralisar-se diante das contradições tendenciosas percebidas. Talvez, por isso, com um pé lá outro cá, trilha por caminhos diversos, fazendo *Os sertões* um ensaio interdisciplinar, regido pelo cientificismo, antropologismo e pela poética.

Nesses 120 anos de publicação de *Os sertões*, o livro continua se abrindo como se tivesse várias capas, atualizando-se a cada leitura, pesquisa, olhar e desmonte para os causos dos sertanejos, as poesias e os cordéis, alguns gêneros textuais que são pintados nos manuais didáticos. O retrato de *Os sertões* continua inconcluso, os traços são aperfeiçoados a cada nova desmontagem, seja através de uma charge, das pinturas e caricaturas. No entanto, o alvo permanece Antônio Conselheiro, é ele quem recebe as tintas da imperfeição, do fanatismo, do monstro. Um retrato que precisa ser modificado, porque após tantos anos, a “Nossa Vendeia” foi formada, não por fanáticos monstruosos, mas por pessoas simples, humilhadas, pobres, lutadoras, aos olhos sagazes de Euclides transformaram os barracos de pau-a-pique numa “Troia de taipa”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é fácil fechar este texto, sempre surge à sensação que faltou algo a ser dito, e é justamente esta incompletude que nos faz pesquisador diariamente. É uma palavra nova, um novo artigo sobre o tema ou até uma entrevista como a do Padre Enoque, grande defensor das minorias, lá da região de Canudos, Monte Santo. Para Zilly o livro de Euclides é tão grandioso e inesgotável em todo tempo e o relato da Guerra de Canudos, ocorrida nos sertões baianos, funciona como espécie de “gênesis do país”, segundo ele, para muitos, *Os sertões* foi visto como “Bíblia da Nacionalidade”.

No ensino da literatura o que para muitos funciona como “bíblia” é justamente o livro didático, um manual que precisa ser criteriosamente bem lido e colocado em xeque textos como *Os sertões*, nos quais os fragmentos se concentram nas críticas ao líder Antônio Conselheiro, quando na verdade essas críticas sob o olhar de Euclides foram perdendo a força diante de homens e mulheres corajosos e destemidos mediados pela fé de permanecer tranquilos na terra que eles fizeram produzir. Já que a Fazenda Canudos, era um local ermo, desabitado, onde o beato para livrar das perseguições políticas dos latifundiários e religiosos estabelece moradia.

Muitos são os pesquisadores que se debruçam sobre o livro *Os sertões* ao longo desses anos, mas o nosso olhar vai além do livro, mas nos 100 manuais didáticos de Língua Portuguesa, diferentes editoras e autores, Ensino Médio que se propõem a indicar a obra como Pré-modernista, e assim, seguimos atrás desses manuais que pintam, desenham, traçam, opinam, resumem, versejam *Os sertões*. Como esses outros gêneros textuais se constarem/ desconstroem nos manuais para atender ao apelo do texto literário na perspectiva euclidiana ganha o nosso olhar. Enquanto os diálogos da literatura com outros gêneros textuais acontecem, ajudam na formação de leitores e leitoras, porque as nossas escolas públicas deixam de fora das bibliotecas *Os sertões*, livro que pincela a realidade brasileira, apesar das incongruências, porém abarrotam as prateleiras com obras do romantismo. Sem desmerecer o nosso José de Alencar com histórias de viúvinhas, moreninhas e senhoras de classes sociais elevadas ou na aculturação de povos originários para aceitação social, acreditamos que é preciso seguir, discutir, ler, reler e desler para além do “final feliz” e do fechar o livro.

Como disse Euclides “Fechemos o livro”. É possível fechar o livro e o leque das discussões, transgressões e desmontagens se abrir cada vez mais, porque

estudar Os sertões é como entrar num mar bravio, balança as estruturas de um lado para outro, mas continuamos firmes nas desmontagens, sob o viés desconstrutivista de Derrida. Desmontagens que faz de um livro fascinante como *Os sertões* servir de âncora para pinturas de Gadelha, caricaturas e charges de Pereira Neto, poesias de José Américo Amorim, documentários de Antônio Olavo entre outros. Essas desmontagens não diminuem a obra pioneira, mas revelam a “paixão e guerra no sertão de Canudos.”

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, José Américo. *Canudos 120 anos – 1897-2017*. Salvador: ALBA, 2018.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone - Moisés. São Paulo: Cultrix. 2001. Pronunciada em 7 de Jan/1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Três.1984 (Biblioteca do Estudante) disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf> acesso em 30 de abril de 2022.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura.: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- FONSECA, Aleilton. (2018) *Coleção Belo Monte/Canudos – Terceira margem de Silvío Jessé*. Revista *Léguas e Meias*, 8(1), 79–94. <https://doi.org/10.13102/lm.v8i1.2820>
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Os sertões, um olhar sobre os seus 120 anos. *Pontos de Interrogação: revista de crítica cultural*. Dossiê: Revisitar Canudos, reinventar o Brasil. Alagoinhas: UNEB/ Fábrica de Letras, v. 12, n. 2, jul-dez, p. 8-25, 2022. Disponível <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/725> acesso em 20 de fevereiro de 2023.
- OLAVO, Antônio. *Paixão e Guerra no sertão de Canudos*. Diretor e roteirista Antônio Olavo. Documentário. 1993. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=4rnFi9auXYE> acesso em 20 de set. 2021
- OLIVEIRA, Larissa Arruda de. *A imagem e a letra: ensaio sobre a literatura e artes plásticas*. Entreletras, Araguaiana, TO, v. 5, n. 1, p. 18-31, jan/jul, 2014.
- REZENDE, SÉRGIO. *Guerra de Canudos*. Diretor Sérgio Rezende. Produção Mariza Leão, filme, 1996. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=34iCB9r1CY> acesso 20 de set. 2021,

ROCHA, Iraci Simões da. *Imagens do intelectual Euclides da Cunha*: permanência e deslocamentos. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Instituto de Letras, 2006.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Belo Monte, capital da República popular do Brasil. Apresentação. *Pontos de Interrogação*: revista de crítica cultural. Dossiê: Revisitar Canudos, reinventar o Brasil. Alagoinhas: UNEB/ Fábrica de Letras, v. 12, n. 2, jul-dez, p. 7-15, 2022. Disponível <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/725> acesso em 20 de fevereiro de 2023.

SOUZA, Lícia Soares de. *Memória e identidade na formação de opinião pública nacional em Os sertões*. In: OLIVIERI-GODET, Rita; SOUZA, Lícia Soares de. (orgs.) *Identities e representações na cultura brasileira*. João Pessoa: Idéia, 2001. 230p.

SOUZA, Lícia Soares de. A poética histórica do ciclo canudiano. In: *O guardador de inutensílios*: Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco, n. 7, Campo Grande: UCDB, 2004. p. 5-16

ZILLY, Berthold. Convivendo com Os sertões – experiências e reflexões de um estudioso alemão. *Pontos de Interrogação*: revista de crítica cultural. Dossiê: Revisitar Canudos, reinventar o Brasil. Alagoinhas: UNEB/ Fábrica de Letras, v. 12, n. 2, jul-dez, p. 29 - 59, 2022. Disponível <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/725> acesso em 20 de fevereiro de 2023.